

Identidade Futura

Hoje está sol e o vento tem a bravura de um esquilo.

Aparece subtil e a dançar como se quisesse esconder-se de pés com trinta centímetros e meio que, em cada passada, amassam a terra húmida do final de Inverno que chegou. O corpo está deitado numa cadeira que me deixa num alinhamento deitado, quase horizontal. Mas não estou morta. Isso eu sei. Eu quero cinzas e não corpos projectados em caixas horizontais. Sim, não me enganei. Disse corpos. Acho que até este dia, imensos. Alguns não duraram o tempo suficiente para que os conseguisse recordar; outros, num ápice em forma de precipício tornaram-se parte do meu dia e um total da minha noite. Hoje é sobre o sol que está.

E, este sol, é um sol de Primavera. Há qualquer coisa muito honesta, nesta luz e calor que este sol tem. Sim, porque ninguém me convence que só existe este sol para todos. O meu, tem a beleza do existir em rasgos que me trespassam a incerteza do viver. Essa foi a morte a que tantas vezes assisti. A da minha incerteza. Obrigada.

Hoje, estou aqui. Deitada, ao sol, com o corpo não horizontal, mas quase. O que se torna tudo o que quero. Nesta minha visão invertidamente manipulada pela luz que me deixa a sorrir, consigo ver a fonte, maravilhosamente insondável, me inunda os ouvidos de palavras-mãos que se tornam peito para aquilo que não se torna de mais ninguém a não ser meu.